

CASAMENTO E SUAS SURPRESAS

Para os cônjuges e para os filhos



As pessoas se quando se casam, frequentemente, têm seus sonhos e idealizações sobre o casamento, sobre o outro, têm projetos de vida que pensam e sonham juntos ou não.

Para uns o casamento, instituição que reforça a estrutura familiar ou não, pode ser suporte para sair da solidão, de uma situação familiar incômoda, pode representar ascensão social ou manutenção de status social ou uma forma de dividir desejos sexuais e afetivos. Pode aumentar o companheirismo, construir a autonomia dos cônjuges, suas vidas profissionais e sociais.

Há casos em que o casamento se torna fonte de frustração e de surpresas desagradáveis de dor, de isolamento, de doenças.

Cada um dos cônjuges leva para o novo contexto sua “malinha” contendo sua história de vida cheia de alegrias, frustrações, traumas e desejos, por vezes inconscientes que, no dia a dia, vão resultando numa dificuldades na interação entre o casal, resultando numa comunicação confusa e dúbia.

Há casos em que um dos cônjuges tem percepção de seus desejos, de sua orientação sexual diversa do outro cônjuge e de seus interesses mas se utiliza de jogos, consciente ou inconscientemente, para manter o outro sob controle, sem deixar claro quem é e o que deseja. Em outros casos, com a convivência diária, ficam nítidas as patologias emocionais, afetivas e de outros tipos, que precisam ser tratadas para que o desgaste emocional do casal seja o menor possível.



Com o nascimento dos filhos tão desejados, muitas vezes, a relação entre o casal se altera. Os ciúmes, os traumas mal resolvidos, a falta de companheirismo e a rigidez de comportamento podem afetar a vida afetivo-sexual do casal trazendo desinteresse por sexo e diversos tipos de impotência. Os papéis de marido e esposa por vezes se confundem com os papéis de pai e mãe. Cada um resgata inconscientemente sua própria história familiar.

A história de vida de cada um é cheia de contradições que precisam ser esclarecidas para que o casamento possa ser fonte de satisfação genuína para ambos e não expressão de uma máscara de felicidade para ser apresentada na vida social.

Padrões e valores contemporâneos e os valores e padrões de outras épocas entram em conflito. Muitas vezes os cônjuges não se apercebem de que existem leis que mudaram. Se decidem desfazer o contrato de casamento, escrito ou não, se defrontam com surpresas quanto aos bens, sustento econômico próprio, do outro cônjuge e dos filhos.



Estamos vivendo numa época histórica caracterizada por valores e padrões fluidos, voláteis, na qual as relações de consumo são uma prioridade. Esse quadro interfere nas relações afetivo-sexuais confundindo mais ainda a interação entre os cônjuges. Essas relações acabam permeadas pela fuga e pelo consumo, pelo descaso com a vida do outro, marcadas pelo individualismo e exibicionismo.

Numa separação, muitas vezes os homens ganham apoio de amigos e familiares, mas as mulheres ainda têm pouco apoio e, com frequência, são alvo de críticas e de isolamento social, mesmo se suas vidas e saúde estiverem em risco no casamento, com agressões físicas e assédio moral.

O assédio moral também pode ser utilizado pelas esposas sobre os cônjuges sobre o gênero masculino como forma de controle e de descarga de suas frustrações. Interfere na autoestima podendo vir a prejudicá-los até na vida profissional.

Há casais que percebem que a relação no casamento não tem mais motivos para continuar enquanto sonho sonhado mas se respaldam no sofrimento dos filhos para manterem o casamento, mesmo que os filhos vivam um sofrimento diário de brigas, agressões ou apatia entre o casal. Essa vivência pode provocar nas crianças e nos jovens deficiência de atenção, hiperatividade, depressão, agressividade constante e descaso com os estudos.

É muito difícil para os pais refletirem sobre a convivência e clima afetivo na casa e o reflexo disso sobre os filhos. Acusá-los, repreendê-los se torna mais fácil do que mudar o comportamento em função da rigidez ou falta de harmonia e limites entre os próprios pais.

Às vezes, o casal procura um apoio psicoterapêutico. A Psicoterapia é para ajudar a esclarecer e cuidar da saúde emocional da relação no que concerne aos traumas vivenciados, autoestima, dificuldades afetivo-sexuais, dificuldade em dialogar, competição constante, autoritarismo, relação com os filhos, a casa, a vida social e profissional.

Estabelecendo-se uma interação mais saudável e clara, o diálogo sendo possível, a decisão sobre a continuidade ou não do casamento pode ocorrer de forma harmoniosa e a relação dos pais com os filhos pode passar a ser mais afetuosa, na medida em que os pais estão mais felizes com as decisões tomadas.

Há casos em que um dos cônjuges não tem nenhum interesse em alterar nada na relação conjugal. Nesse caso não há por que insistir numa terapia de casal.

Quem tem interesse em cuidar de si, de sua saúde físico-emocional e perceber como está atuando na relação com o cônjuge e com os filhos é que deve procurar um profissional e não ficar esperando pelo outro que não quer mudanças. Em alguns casos até melhora a interação entre o casal e do casal com os filhos.

É necessário deixar claro para os filhos que os papéis de marido e mulher, cujo interesse na relação pode acabar ou não, são diferentes dos papéis de pai e mãe, cujo amor, afeto e cuidados com os próprios filhos podem até melhorar.

Seja na permanência da relação dos cônjuges no casamento, ou não, deve-se ter um grande cuidado para que as atitudes diárias não causem danos às crianças e aos jovens, levando-os a ser objeto de escárnio e isolamento na vida escolar e social.

Quer saber mais? Consulte:

Costa, Romel Alves. Sobre Reich – Sexualidade e Emoção. RJ: Achiamé, 1984.

Benedetti, Ieda. A produção do TDA/H: Transtorno de déficit de atenção com ou sem hiperatividade. SP: Scortecci, 2009.

Hirigoyen, Marie-France. Assédio Moral – A violência perversa no cotidiano. trad. **Maria Helena Kuhner.** RJ: Bertrand Brasil, 2000.

Lowen, Alexander. Amor e orgasmo: guia revolucionário para a plena realização sexual. SP: Summus, 1988.

Matthiesen, S. Quenzer. A educação em Wilhelm Reich – Da psicanálise à pedagogia econômico-sexual. SP: Ed. UNESP, 2005.

Montagu, Ashley. Tocar: o significado humano da pele. SP: Summus, 1988.

Parker, Richard e Galvão, Jane organizadores. Quebrando o silêncio – Mulheres e AIDS no Brasil. RJ: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

Reich, Wilhelm/ Cl. Alzon. Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura? Textos Exemplares. SP: Martins Fontes, s/d.

Reich, Wilhelm. Irrupção da moral sexual repressiva. Trad. Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias. SP: Martins Fontes, s/d.

_____. A revolução sexual. RJ: Zahar, 1982.

_____. Escute, zé-ninguém. SP: Martins Fontes, 1998.

_____. A função do orgasmo. SP: Brasiliense, 1975.

Rosenberg, J. Lee. Orgasmo total. SP: Brasiliense, 1980.

Vanda Barreto Lopes - Psicóloga-CRP-05/1054 - Psicoterapeuta Reichiana
Pós-Graduação em Sociologia Urbana e Pós-Graduação em Psicopedagogia
Vilna Reis –Revisora